

Prémio António Champalimaud de Visão 2013 para instituições nepalesas

Nas últimas três décadas, o Nepal viu os casos de cegueira diminuírem gradualmente graças ao trabalho de quatro instituições que, ontem, levaram para casa o prémio português de um milhão de euros

Oftalmologia Nicolau Ferreira

Em 1981, existiam apenas sete oftalmologistas para 15 milhões de nepaleses. A cegueira afectava cerca de 117 mil pessoas (0,84% da população) devido à pobreza, má nutrição e falta de acesso a cuidados de saúde. Passadas três décadas, a cegueira afecta 93 mil pessoas (0,35% da população), em 26 milhões de habitantes. Mais de 500 pessoas trabalham agora na saúde oftalmológica, em hospitais e centros de tratamento espalhados pelo Nepal.

Grande parte desta melhoria deveu-se ao trabalho de quatro organizações não-governamentais: o Nepal Netra Jyoti Sangh (NNJS), o Instituto Tilganga de Oftalmologia, o Programa de Cuidados Visuais da Região Leste e o Instituto Visual de Lumbini. Ontem, estas instituições receberam o Prémio António Champalimaud de Visão 2013, na Fundação Champalimaud, em Lisboa, no valor de um milhão de euros pelo “trabalho humanitário e clínico”. O prémio é dividido equitativamente pelas quatro organizações.

O ano-charneira na luta contra a cegueira no Nepal, causada principalmente pelas cataratas, foi 1981. Nesse ano, com ajuda de dinheiro estrangeiro e helicópteros do Canadá, uma equipa andou a rastrear a população nepalesa, região após região. “Com os helicópteros, fizemos este rastreio para todo o país e ficámos a conhecer a magnitude da cegueira do Nepal”, explica o PÚBLICO Ram Prasad Pokhrel, médico oftalmologista, que esteve na génese do NNJS, em 1980. Hoje, com 76 anos, é o patrono da organização.

Com o apoio da Organização Mundial da Saúde e de organizações não-governamentais, como a Seva Canadá e a Seva Estados Unidos, Ram Prasad Pokhrel ajudou a criar um programa para erradicar a cegueira no seu país. Na década de 1980, os grandes desafios eram a falta de infra-estruturas e de recursos humanos, o *manpower*, como lhe chama Ram Prasad Pokhrel, que antes de voltar para o Nepal em 1971, aos 34 anos, esteve dez anos em Inglaterra a aprender o seu ofício.

Passados 42 anos do seu regresso ao Nepal, o panorama do país é



Ram Prasad Pokhrel, Sanjay Kumar Singh, Salma Rai e Sanduk Ruit receberam o prémio ontem em Lisboa

bastante diferente. Após o rastreio nacional de 1981, o plano de combater passou pela formação de profissionais como médicos e paramédicos na área de oftalmologia e, ao mesmo tempo, pela construção de hospitais e de centros médicos em cada zona do Nepal. Para isso, houve uma política para captar a ajuda internacional.

“Cada zona do Nepal era apoiada por um país. O Japão ficou com uma zona, a Holanda com outra...”, conta o médico. Em cada zona, o pai-padrinho construiu um hospital ou um centro de tratamentos e formou pessoas. Depois, a gestão ficou ao cuidado dos nepaleses.

Agora, o plano da NNJS, que funciona como chapéu para os hospitais e institutos que diariamente lutam pelo direito à visão naquele país, é reduzir ainda mais a cegueira, para 0,2% na população. “Estamos muito satisfeitos com este prémio. Com o dinheiro, podemos criar um novo

centro de tratamentos em Katmandu [capital do Nepal] e ajudar a erradicar a cegueira em locais remotos.”

Apesar de existirem hoje 14 hospitais e 50 centros de oftalmologia, há muitas pessoas cegas ou com problemas de visão que continuam sem conseguir dirigir-se a um destes centros. Salma Rai, médica e directora do Instituto Visual de Lumbini, conhece bem esta situação.

Operações a sete euros

Este instituto nasceu em 1983, só com duas salas e um oftalmologista, na região ocidental do país. Hoje trata anualmente cerca de 35.000 pessoas com cataratas, muitas provenientes da Índia, além de formar oftalmologistas e assistentes. Mas continua a fazer missões em aldeias remotas.

“Escolhemos uma região no país, publicitamos a nossa visita com uma semana de antecedência. A equipa faz uma avaliação dos doentes e, naqueles em que identificamos cata-

ratas, operamo-los lá”, explica-nos Salma Rai. A médica, de 40 anos, nasceu em Baglung, uma vila a 275 quilómetros a oeste de Katmandu. Na altura, as mulheres não costumavam ir à escola, mas o pai dela fez questão que ela fosse e estudasse Medicina para tratar os pobres de Baglung.

“Algumas pessoas caminham durante dois ou três dias até aos nossos acampamentos”, conta Salma Rai. “Vi pessoas com cegueira bilateral, cegas há dois, três, talvez sete anos. Isto é um fardo social para aquelas famílias, há sempre alguém que tem de tomar conta destas pessoas.” Com o dinheiro do prémio, a médica quer fazer um centro de tratamento para crianças e apostar na investigação científica. “O prémio é fantástico, podemos usar o dinheiro nas pessoas com necessidades.”

Os outros dois casos de sucesso são o Instituto Tilganga de Oftalmologia e o Programa de Cuidados Visuais da Região Leste. O primeiro serve a

região do Vale de Katmandu. O segundo envolve duas instituições: o Hospital Visual Sagamartha Choudhary, que fica em Lahan, na região Leste do país; e o Hospital Visual de Biratnagar, 140 quilómetros a leste de Lahan.

O hospital de Lahan, uma zona mais rural, nasceu primeiro, em 1983, numa altura em que “não havia electricidade, nem gerador no hospital”, conta-nos por sua vez Sanjay Kumar Singh, médico e director Hospital Visual de Biratnagar, este criado em 2006. Os dois hospitais tratam hoje 100.000 cataratas por ano, perto de 80% dos doentes vêm da Índia. Aqueles que têm pouco dinheiro pagam pela operação sete euros.

Ontem, na cerimónia da entrega do galardão, o Presidente da República, Cavaco Silva, considerou que, graças ao prémio, o bem que estas organizações estão a fazer pela saúde dos nepaleses “levará, de algum modo, a marca de Portugal”.